



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Contributos para a inclusão de um aluno disléxico

Departamento de formação de Educadores e Professores

Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º ciclo do Ensino Básico

2024, Beatriz Ferreira Nelas de Oliveira



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Beatriz Ferreira Nelas de Oliveira

Contributos para a inclusão de um aluno disléxico

Dissertação de Mestrado em educação Pré-escolar e Educação do primeiro ciclo do Ensino Básico, na especialidade de Contributos para inclusão de um aluno disléxico apresentada ao Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Prof. Doutora Vera Maria Silvério do Vale

Arguente: Prof. Doutora Sónia Teresa Simões da Costa

Orientador: Prof. Doutora Maria Madalena Belo da Silveira Batista

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Maria Madalena Belo da Silveira Batista

Fevereiro de 2025

Agradecimentos

Este relatório contou com o incentivo de muitas pessoas imprescindíveis no meu sucesso.

Primeiramente aos meus pais, por todo o apoio incondicional e incentivo ao longo da minha vida em que acreditaram no meu potencial, uma vez que sem este apoio não teria sido possível.

Às minhas colegas de curso e amigos, que compartilharam comigo tantos momentos de estudo, desafios e conquistas pois agradeço por toda a ajuda, discussões construtivas e apoio moral durante estes anos.

Ao meu namorado que sempre me apoiou e encorajou evidenciando as minhas capacidades para seguir em frente nesta etapa da minha vida.

À minha orientadora, que com a sua paciência, conhecimento e dedicação, guiou-me por todo o processo de pesquisa e escrita, pois, as suas orientações foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Aos professores e funcionários desta instituição que contribuíram de diversas maneiras para o meu crescimento académico e pessoal pois o trabalho desenvolvido e a dedicação fazem toda a diferença na formação de cada aluno.

Contributos para a inclusão de um aluno disléxico

Resumo: O presente Relatório Final designado “Contributos para a inclusão de um aluno disléxico” foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular de Prática Educativa do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. A observação e o processo de intervenção ocorreram durante o estágio do último ano do mestrado. Com a intervenção proposta, buscou-se demonstrar que ao planificar atividades adaptando os materiais, é possível melhorar o nível da leitura e escrita e também, a motivação e o bem-estar dos alunos. Para isso, foram programadas sessões, onde foi possível perceber motivação e o desempenho do aluno face às diferentes atividades.

De acordo com o Decreto-lei 54/2018 o professor do ensino regular deve gerir o currículo, flexibilizando-o e adaptando-o sempre que necessário.

Conclui-se com este trabalho que o docente ao observar, planificar e intervir não apenas ajudou o aluno a superar algumas de suas dificuldades, mas também, enquanto futura professora, ficou com uma visão abrangente de como o aluno pode aprender através de estratégias personalizadas e contextos de cooperação.

Palavras-chave: inclusão, estratégias específicas, dificuldades de leitura, papel do professor e dislexia.

Contributos para a inclusão de um aluno disléxico

Summary: This Final Report, entitled 'Contributions to the inclusion of a dyslexic student', was drawn up as part of the Educational Practice Curriculum Unit of the Master's Degree in Pre-School Education and Primary School Teaching. The observation and intervention process took place during the final year of the master's programme. The aim of the proposed intervention was to demonstrate that by planning activities and adapting the materials, it is possible to improve the level of reading and writing, as well as the students' motivation and well-being. To this end, sessions were planned in which it was possible to see the student's motivation and performance in relation to the different activities.

According to Decree-Law 54/2018, the regular education teacher must manage the curriculum, making it more flexible and adapting it whenever necessary.

The conclusion of this work is that by observing, planning and intervening, the teacher not only helped the student to overcome some of his difficulties, but also, as a future teacher, gained a comprehensive view of how the student can learn through personalised strategies and cooperative contexts.

Keywords: inclusion, specific strategies, reading difficulties, the role of the teacher and dyslexia.

Índice Geral/ Sumário

1. Introdução.....	2
CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1. Educação Inclusiva: conceito e princípios	4
2. Dislexia.....	10
CAPÍTULO II- DESCRIÇÃO E REFLEXÃO EM TORNO DE UMA INTERVENÇÃO	18
1. Questão de partida	19
2. Situação escolar do aluno	19
3. Procedimentos metodológicos	20
4. Apresentação dos dados recolhidos antes da intervenção	23
5. Reflexão em torno dos dados recolhidos antes da intervenção	26
6. Relato de uma intervenção.....	27
6.1 Descrição do desempenho do aluno ao longo da intervenção.....	28
6.2 Reflexão em torno da intervenção	38
7. Conclusões	40
Referências Bibliográficas	42
Apêndices	44
.....	46
.....	47
.....	49
.....	50
Anexos	56

Lista de abreviaturas

1. RTP (Relatório Técnico Pedagógico)
2. 1ºCEB (1º Ciclo do Ensino Básico)

Lista de figuras

FIGURA 1 - AREAS DE CEREBRO RESPONSÁVEIS PELA LINGUAGEM

.....**ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.**

Figura 2- ficha de trabalho adaptada.....30

Figura 3- 1º momento de leitura32

Figura 4 - 2º momento de leitura.....33

Figura 5- Jogo *Kahoot*.....35

figura 6- texto informativo.....37

Lista de Tabelas

1. Caracterização da Dislexia	12
2.Sinais de alerta	15
3. Momentos de leitura da intervenção	29

“Não há, não, duas folhas iguais em toda a criação”.

António Gedeão

1. Introdução

Quando abordamos a inclusão escolar não podemos deixar de referir que existe uma legislação bem clara e estruturada, mas nem todas as escolas se podem designar de inclusivas embora a escola seja, “hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo.” (COELHO,2005, P.16)

Ao longo deste trabalho, a temática predominante é a dislexia, mais propriamente a adaptações escolares para alunos com dislexia. A dislexia é uma dificuldade de aprendizagem específica cada vez mais presente nas escolas, causando em muitas situações escolares o insucesso de alguns alunos.

A criança com dislexia apresenta um determinado ritmo de aprendizagem e, por isso, o professor do 1º CEB deve possuir conhecimentos e usar estratégias específicas, uma vez que, não existe apenas uma metodologia. Segundo o Decreto de Lei 54/2018 de 6 de julho, no art.º 2, alínea f, deve-se fazer uma referenciação do aluno em articulação com equipas multidisciplinares, com a escola e família. Hennigh afirma que “um professor competente deve desenvolver estratégias diferentes que promovam o sucesso do aluno.” (2003, p.36)

Desta forma, este documento está dividido em dois capítulos, isto é, o primeiro capítulo aborda o enquadramento teórico, nomeadamente a educação inclusiva e a dislexia. A aprendizagem inclusiva é fulcral, uma vez que todos os alunos devem ter os mesmos direitos e oportunidades de aprendizagem contexto escolar. Ao falar sobre a dislexia evidenciamos as suas características, os sinais de alerta e como podemos intervir enquanto docentes.

Já no segundo capítulo é feita a descrição e reflexão em torno de uma intervenção, neste caso, tivemos a oportunidade de planificar quatro sessões de intervenção com um aluno onde usamos vários materiais com uma lógica sequencial para promover a leitura e a escrita.

Por fim, são apresentadas as considerações finais do trabalho e elaboradas as referências bibliográficas que serviram de suporte ao relatório final.

CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Educação Inclusiva: conceito e princípios

A UNESCO apresenta uma definição de Inclusão onde pressupõe que todas as crianças e alunos tenham uma resposta educativa num ambiente regular que lhes proporcione o desenvolvimento das suas capacidades. Este princípio vem expresso na Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994)

Uma boa forma de entender a inclusão é pensar na resposta à diversidade dos alunos e ainda à participação em ambientes diversos e heterogéneos de aprendizagem de cultura e comunitários.

O facto de uma criança, independentemente da sua condição de deficiência ou qualquer outra condição, ser privada ou restringida na vivência e participação em ambientes diversos implica efeitos indesejados no seu desenvolvimento. Cada pessoa só se pode construir de forma equilibrada quando tem acesso a ambientes diversos.

Construir uma identidade com um conjunto de valores, implica o conhecimento e a consequente adesão ou rejeição de formas diferentes de encarar o mundo.

Segundo Luís Miranda Correia (2008), o conceito de inclusão, ou seja, a inserção do aluno com necessidades específicas, em termos físicos, sociais e académicos nas escolas regulares, ultrapassa em muito o conceito de integração, uma vez que não pretende posicionar o aluno com necessidades específicas numa “curva normal”, mas sim assumir que a heterogeneidade que existe entre os alunos é um fator muito positivo, permitindo o desenvolvimento de comunidades escolares mais ricas e mais profícuas.

A inclusão é também essencial para a construção do conhecimento, ou seja, cada vez mais a construção do conhecimento se processa em ambientes ricos de interação e de troca de informações, caminhos, procedimentos e conhecimentos.

Um ambiente limitado é também um ambiente que restringe as oportunidades de aprender mais e melhor a partir da interação com ambientes ricos e diversos. Um aspeto muito importante da Inclusão refere-se à potenciação da participação social.

Sem uma Inclusão efetiva, as oportunidades de participar na vida comunitária, lazer, desporto, intervenção, política, ecologia e outras mais ficam muito diminuídas.

As escolas têm procurado, reconhecer e satisfazer as necessidades educativas dos seus alunos, adaptando-se aos diferentes estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir uma escola de qualidade, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégia pedagógica, de utilização de recursos e de uma boa articulação com a Comunidade.

Deste modo, a escola inclusiva é aquela que garante a todos os alunos a oportunidade de frequentar a escola num mesmo espaço físico, desenvolver as suas capacidades mediante as aptidões próprias da condição de cada aluno e que possui professores que têm a capacidade de fomentar a inclusão pondo em prática medidas inclusivas que têm a capacidade de sensibilizar toda a comunidade educativa nesse sentido.

A escola tem por obrigação satisfazer as necessidades dos alunos, adaptando-se aos diversos estilos e ritmos de aprendizagem, de forma a proporcionar um desenvolvimento harmonioso de todos os seus alunos, através de currículos flexíveis, bem como a utilização de recursos e de uma cooperação articulada com a comunidade. Nesta perspetiva, importa ter em conta a diferenciação na própria sala de aula.

É necessário que as práticas pedagógicas desenvolvidas tenham em conta, que, os alunos são diferentes pela sua origem, aquisições anteriores, características, projetos, interesses e qualidades pessoais mutáveis e por isso, se diz que cada aluno possui um ritmo próprio de aprendizagem.

Segundo a Declaração de Salamanca (1994) o princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentam.

Assim refere o preâmbulo do Decreto-Lei n.º 54/2018, republicado pela Lei 116/2019: “.... No centro da atividade da escola estão o currículo e as aprendizagens dos alunos. Neste pressuposto, o decreto-lei tem como eixo central de orientação a necessidade de cada escola reconhecer a mais-valia da diversidade dos seus alunos, encontrando formas de lidar com essa diferença, adequando os processos de ensino

às características e condições individuais de cada aluno, mobilizando os meios de que dispõe, para que todos aprendam e participem na vida da comunidade educativa.”

Uma Escola de qualidade deve proporcionar aos seus alunos todas as ferramentas necessárias para que estes se tornem cidadãos ativos, responsáveis e competentes, caminho este que tem sido trilhado, ao longo do tempo. Um dos valores sempre presentes tem sido o respeito por garantir a igualdade de oportunidades a todos os alunos e a equidade, reconhecendo as suas diferenças.

O Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO, 2017) destaca as condições para que todos os docentes promovam uma educação inclusiva que contemple o desenvolvimento pessoal e social dos seus alunos. Que todos e cada um, tenham oportunidade de realizar aprendizagens com vista à efetiva consecução dos princípios, valores e áreas de competência definidas.

Os normativos referentes aos currículos e o PASEO, assumem uma perspetiva inclusiva e pressupõem um conjunto de mudanças ao nível da organização escolar e de todo o processo educativo. Este normativo tenta responder às necessidades educativas de todos e cada um, ao longo do seu percurso escolar, identificando medidas de suporte à aprendizagem necessárias, à inclusão, bem como os recursos a mobilizar para cada aluno.

A escola, e consequentemente, os professores, são desafiados diariamente a mediar a sua prática docente incluindo nas suas turmas, alunos abrangidos pelo Novo Regime da Educação Inclusiva, sendo assim necessário utilizar diferentes formas de motivar e de ensinar. A atualização de conhecimentos neste domínio é imprescindível, considerando que a investigação científica na área da educação inclusiva continua a desbravar caminhos para o conhecimento mais profundo da temática.

Os professores, enquanto atores do palco educativo, necessitam de estar em constante atualização de saberes promovendo o sucesso escolar dos seus alunos, desenvolvendo ao máximo o seu potencial, motivando-os para aprendizagem, criando ambientes favoráveis.

É imperativo que os docentes tomem consciência das necessidades específicas de aprendizagem de todos os alunos, das suas potencialidades e dos desafios que a

sociedade irá exigir-lhes no futuro. O processo de reflexão e trabalho de equipa, envolvendo todos os atores no processo educativo é fundamental para garantir o sucesso educativo e promover adultos resilientes e felizes, capazes de enfrentar as adversidades que a sociedade impões e as mudançasque poderão ocorrer.

O processo de referenciação e intervenção atempada é fundamental para conduzir ao sucesso. O trabalho colaborativo é imprescindível para que a escola evolua e responda corretamente às mudanças dos tempos. É essencial que os docentes estejam preparados para aplicar metodologias pedagógicas diferenciadas.

Nesta perspetiva, acredita-se que os professores necessitam de atualizar os seus conhecimentos e as suas práticas, devem:

- Atualizar conhecimentos que promovam metodologias de ensino adequadas;
- Promover o trabalho de equipa entre pares;
- Planificar metodologias de ensino que atenda às necessidades dos alunos em contexto sala de aula nas diversas disciplinas;
- Partilhar materiais pedagógicos;
- Sensibilizar os professores dos diversos níveis de ensino para a importância da identificação e da intervenção atempada das dificuldades dos alunos;
- Planificar as aulas, promovendo a inclusão e proporcionar aos alunos com dificuldades específicas de aprendizagem situações pedagógicas em contexto aula que promovam a sua aprendizagem no grupo turma.

É fundamental que o professor faça um caminho formativo na aquisição e domínio de novastécnicas/estratégias que se configurem como recursos válidos para a sua implementação nos alunos, para que estes consigam uma maior independência e participação funcional na vida ativa.

A intervenção do professor de educação especial assenta em duas vertentes: uma de trabalho colaborativo com os diferentes intervenientes no processo educativo dos alunos e outrarelativa ao apoio direto dado aos alunos com medidas, com um carácter complementar ao trabalho desenvolvido em sala de aula pelo professor titular/educador.

Desta forma, podemos considerar que são funções do Professor de Educação Especial, a sensibilização da comunidade educativa para a educação inclusiva, prestar aconselhamento aos restantes docentes na implementação de práticas pedagógicas inclusivas assegurando que a escola, de um modo geral, adota comportamentos facilitadores da inclusão, esbatendo barreiras.

É ainda da competência do Professor de Educação Especial a dinamização de espaços de reflexão e formação, para toda a comunidade educativa.

O apoio direto deve complementar o trabalho realizado em contexto de sala de aula, para o desenvolvimento de competências específicas a serem generalizadas para os contextos de vida dos alunos, assumindo sempre um carácter transitório.

O Professor Titular de Turma passa a ser um agente definitivamente ativo e responsável por todos os alunos e trabalha em colaboração com o professor de Educação Especial para que possam definir em conjunto as melhores estratégias de intervenção para os alunos da turma.

O respeito pelas diferenças individuais e pelo ritmo de aprendizagem de cada formando, a valorização das experiências escolares e não escolares anteriores, a consideração pelos interesses e necessidades individuais e o estímulo às interações e às trocas de experiências e saberes estarão na base de um clima adequado e favorável ao desenvolvimento das aprendizagens.

Para que o sistema educativo possa ser eficaz e efetivo no desenvolvimento da criança, precisamos, pois, de ser as tenazes na sua construção. Este desenvolvimento global e equilibrado tem de ser feito em ambientes inclusivos.

Devemos ser persistentes, na convicção de que é preciso o fortalecimento da escola pública. Quando falamos em fortalecimento, queremos dizer que a escola se deve cada vez mais assumir como capaz de educar com qualidade, equidade e excelência todos os alunos que lhe foram confiados.

A Educação necessita de uma reforma no sentido da Inclusão e para isso, precisa de ter os seus próprios agentes, os seus próprios reformadores. Entretanto, em muitos sistemas educacionais e, certamente, no sistema português espera-se que os dinamizadores desta reforma a desenvolvam de uma forma, diríamos “metafísica”,

isto é, que devem lutar por uma escola que, na verdade, nunca viram, que nunca experimentaram, e que sejam capazes de adotar métodos diferentes daqueles em que foram educados.

Segundo LIMA-RODRIGUES (2016) “os grandes promotores da Educação inclusiva da atualidade nunca experimentaram a Inclusão na sua vida escolar. Chegaram à premência da Educação Inclusiva através do seu próprio convencimento quanto à ética e à justiça da Inclusão. Não deixa de ser estimulante que impulso poderá sofrer a Educação Inclusiva quando esta deixar de ser desenvolvida por pessoas para quem ela não é mera opção ética, mas sim, o resultado de uma experiência pessoal e vivida.”

O sucesso educativo é uma preocupação constante das escolas nos dias de hoje. Os profissionais da educação procuram encontrar soluções para responder às dificuldades de aprendizagem ou problemas de comportamento dos alunos e melhorar os respetivos resultados académicos e sociais.

Na perspetiva da educação inclusiva existem duas abordagens metodológicas essenciais e intimamente relacionadas: A abordagem multinível constitui-se como uma atuação em áreas específicas como sejam as dimensões da aprendizagem e do comportamento, oferecendo um modelo integrado de ação nestes mesmos domínios, e o desenho universal para a aprendizagem que é particularmente útil na operacionalização das medidas de suporte á aprendizagem e á inclusão em sala de aula (medias universais, seletivas e adicionais).

As medidas utilizadas para a orientação são as universais, seletivas e adicionais, sendo estas direcionadas para apoiar os alunos, tendo em consideração um continuum que vai desde as medidas universais até ás medidas adicionais.

As medidas universais consistem nas respostas que a escola oferece a todos os alunos, com o objetivo de promover a participação e melhorar o processo de aprendizagem. Essas medidas respeitam a individualidade de cada aluno, por meio da implementação de ações e estratégias integradas e flexíveis.

Por outro lado, as medidas seletivas são destinadas a alunos que apresentam necessidades de apoio à aprendizagem que não foram atendidas pelas medidas universais. Para a aplicação dessas medidas, é necessário elaborar um relatório técnico-pedagógico pela equipa multidisciplinar.

Já as medidas adicionais visam atender alunos que enfrentam dificuldades acentuadas e persistentes em áreas como comunicação, interação, cognição ou aprendizagem, e que requerem recursos especializados para apoio à aprendizagem e inclusão. Essas medidas também devem ser detalhadas no relatório técnico-pedagógico.

A adoção de medidas adicionais só ocorre após a comprovação, por meio do relatório técnico-pedagógico, de que as medidas universais e seletivas foram insuficientes. A decisão sobre a aplicação de diferentes níveis de medidas é feita ao longo da trajetória escolar do aluno, de acordo com suas necessidades educacionais, podendo essas medidas ser aplicadas simultaneamente, se necessário.

2. Dislexia

Daehene (2012) entende que a dislexia representa uma dificuldade desproporcional por parte do aprendiz na sistematização das relações entre fonemas e grafemas da língua. Pesquisas que utilizam instrumentos de neuroimagem mostram, em testes que requerem processamento fonológico, ativação cerebral diferenciada em sujeitos considerados disléxicos (LOPES-ESCRIBANO, 2007).

A dislexia surge pela junção de dois conceitos, isto é, dis (desvio) + lexia (leitura). Desta forma, afeta a aprendizagem e a utilização da leitura, surgindo problemas associados à consciência fonológica. Muitas pessoas associam a dislexia a um baixo nível intelectual, quando um aluno disléxico pode obter resultados acima da média para a sua faixa etária, nomeadamente apresentar um QI não verbal/de realização superior ao QI verbal.

Por sua vez Teles (2009), evidencia que a dislexia, *“É caracterizada por dificuldades na correção e/ou fluência na leitura de palavras e por baixa competência leitora e ortográfica. Estas dificuldades resultam tipicamente de um défice na componente fonológica da linguagem que é frequentemente imprevisto em relação a outras capacidades cognitivas e às condições educativas. Secundariamente podem surgir dificuldades de compreensão leitora, experiência de leitura reduzida que podem impedir o desenvolvimento do vocabulário e dos conhecimentos gerais.”* (Associação Internacional de Dislexia, 2003, cit. por Teles, 2009).

O processo da leitura destaca a aquisição de um conjunto de ferramentas cognitivas específicas destinadas a elaborar uma representação linguística a partir de um material impresso pois, aprender a ler é uma das competências mais complexas. Desta forma, no ato de ler é realizado um desenvolvimento de competências, uma vez que, quantos mais e melhor desenvolvidas melhor será a qualidade da aprendizagem do aluno.

Uma criança disléxica pode evidenciar insegurança e baixa autoestima, culpabilizando-se. Por consequência, estas crianças recusam-se a realizar atividades ligadas à leitura e às vezes de escrita com medo de revelarem os erros que cometem.

Como a leitura envolve múltiplos processos linguísticos, visuais e de atenção, parece improvável que um único déficit cognitivo seja suficiente para explicar a complexidade e heterogeneidade da DD (Norton & Wolf, 2012)

Assim, Nielsen (1999) subdivide as características de uma criança disléxica, a nível de expressão oral, leitura/ escrita e outras competências, visível na tabela abaixo. (Nielsen, 1999, Torres & Fernández, 2001; Cruz, 2009 e Moura, 2011)

Expressão oral	Leitura/ Escrita	Outras competências
- Têm dificuldade em selecionar as palavras adequadas para comunicar (tanto a nível oral, como escrito); - Revelam pobreza de vocabulário; - Elaboram frases curtas e simples e têm dificuldade na articulação de ideias;	- Fazem uma soletração defeituosa (leem palavra por palavra, sílaba por sílaba, ou reconhecem letras isoladamente sem conseguir ler); - Na leitura silenciosa, murmuram ou movimentam os lábios; - Perdem a linha de leitura; - Apresentam problemas de compreensão semântica (na interpretação de textos); - Revelam dificuldades acentuadas ao nível da consciência fonológica, isto é, na tomada de consciência de que as palavras faladas e escritas são constituídas por fonemas; - Confundem/invertem/substituem letras, sílabas ou palavras; - Na escrita espontânea (composições/redações) mostram severas complicações (dificuldades na composição e organização de ideias).	- Apresentam dificuldades em guardar e recuperar nomes, palavras, objetos e/ou sequências ou fatos passados: letras do alfabeto, dias da semana, meses do ano, datas, horários; - Não conseguem orientar-se no espaço, sendo incapazes de distinguir, por exemplo, a direita da esquerda (o que dificulta a orientação com mapas, globos); - Têm dificuldades nas disciplinas de História (em captar as sequências temporais), de Geografia (no estabelecimento de coordenadas) e Geometria (nas relações espaciais); - Têm dificuldade na aprendizagem de uma segunda língua; - Apresentam falta de destreza manual e, por vezes, caligrafia ilegível.

Tabela 1- Caracterização da dislexia

Causas

Não há uma causa específica para o aparecimento da dislexia. E por isso, Rebelo (1993) afirma que a maior parte dos autores destacam que se trata de uma perturbação de causas múltiplas.

A primeira causa, é relacionado com a área da genética, trata-se de um problema hereditário, fundamentando a asserção em estudos que revelam que os disléxicos apresentam, pelo menos, um familiar próximo com dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita.

Shaywitz (2003, cit. por Cruz, 2009) sugere que estas conclusões estão relacionadas com a forma como são identificados, geralmente as raparigas (pelo seu comportamento mais calmo e sossegado) passam mais despercebidas e, consequentemente, não são tão facilmente identificadas. Nos seus estudos, Shaywitz evidencia uma proporção semelhante na distribuição desta problemática por género.

Outra causa é na área da neurobiologia, isto é, as diferentes partes do cérebro desempenham funções específicas. A área esquerda do cérebro, é responsável pela linguagem. Nesta zona, foram identificadas três subáreas distintas: uma delas processa fonemas relacionada com vocalização e articulação das palavras (região inferior frontal), outra analisa palavras, ou seja, correspondência grafema-fonema (região parietal-temporal) e a última reconhece palavras e possibilita a leitura rápida e automática (região occipital-temporal), visível na figura 1.

Desse modo, os disléxicos parecem ter dificuldade em aceder às áreas localizadas na parte posterior do cérebro, isto é, às regiões responsáveis pela análise de palavras e pela automatização da leitura, recorrendo mais à área de Broca (área frontal inferior esquerda) e a outras zonas do lado direito do cérebro que fornecem pistas visuais.

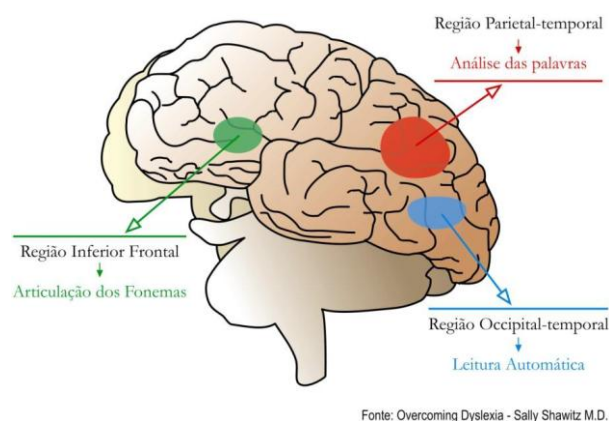


Figura 1- Áreas do cérebro responsáveis pela linguagem

A última causa é a nível da área da psicolinguística é a “evidência de que os indivíduos que apresentam um atraso na aquisição da linguagem experimentam dificuldades na leitura com uma frequência seis vezes superior àqueles com desenvolvimento normal” (Citolter, 1996, cit. por Cruz, 2009, p. 160).

Foi ainda comprovado que as crianças que revelam altos índices de eficiência na linguagem oral em idades precoces apresentam maior probabilidade de se tornarem bons leitores.

Sinais de alerta

Os primeiros sinais de alerta são identificados quando a criança chega à escola primária, pois são os professores quem identifica se o aluno é ou não disléxico.

Por isso, Cogan (2002), são os professores que tem um papel primordial na deteção precoce da dislexia, pois são eles que contactam mais diretamente com as crianças na altura em que estas estão a iniciar o seu processo de aprendizagem da leitura. (citado por Pinheiro, 2009). O professor não está sozinho, ou seja, é acompanhado por equipa multidisciplinar especializada onde esta é responsável por fazer um diagnóstico onde estão presentes os sinais de alerta.

Desta forma, Torres & Fernández (2001), destacam os comportamentos possíveis a observar quer no pré-escolar quer no primeiro ciclo, visível na tabela abaixo.

Nível de ensino	Comportamentos observados
<u>Pré-escolar</u>	- Início tardio do desenvolvimento da linguagem aos níveis fonológico, articulatorio e fluidez; - Problemas de seguir rotinas; - Início tardio da marcha; - Falta de habilidade para realizar algumas tarefas motoras; - Problemas de lateralidade; - Dificuldade na aprendizagem de letras e soletração.
<u>1ºano do Primeiro ciclo do Ensino Básico</u>	- Falta de interesse por livros impressos; - Dificuldades motoras na execução de exercícios manuais e de grafismos; - Dificuldade sem noções temporais; - Dificuldade em associar as letras aos sons; - Dificuldade em ler palavras monossilábicas e em soletrar palavras simples; - Compreensão verbal deficiente; - Fuga a atividade de leitura.

Tabela 2- sinais de alerta (Torres & Fernández, 2001; Shaywitz, 2008 e Silva & Denardi, 2011)

Intervenção

A intervenção com alunos disléxicos é uma tarefa bastante complexa, isto é, trabalhosa, paciente, repetitiva e diversificada.

Da mesma forma que o professor é visto como o identificador de sinais de alerta também ele é quem deve intervir. Claro que o que se aplica para um aluno não vai ser igual para outro aluno, pois não existe um tratamento padrão adequado a todas as crianças com dislexia, pelo que o recurso a uma intervenção individualizada deverá ser a preocupação principal de quem quer ajudar.

Em contexto de sala de aula,

- deve estar sentada numa mesa/secretária próxima do professor de forma a poder auxiliá-la sempre que haja necessidade e para que ela se sinta mais confortável quando pretende esclarecer alguma dúvida;
- devem, ainda, reduzir-se possíveis focos de distração, como algum colega mais conversador ou algum outro barulho que a possa distrair.
- os materiais de sala de aula devem ser interessantes e estimulantes, recorrendo a imagens e ilustrações e o uso da tecnologia;
- no momento da avaliação, devem evitar-se questões longas e complicadas, pois a criança poderá demorar mais tempo a tentar compreender a pergunta do que a dar a resposta;
- deve se ler as perguntas ou pedir auxílio ao professor de ensino especial e/ou a um colega de turma, para que a criança compreenda o que é solicitado.

Outra intervenção que o professor poderá fazer é a terapia multissensorial, isto é, aprender pelo uso de todos os sentidos (Torres & Fernández, 2001). Os métodos multissensoriais são métodos que combinam a visão, a audição e o tato para ajudar a criança a ler e a soletrar corretamente as palavras.

Segundo (Torres & Fernández, 2001), a criança começa por observar o grafema escrito, depois “escreve-o” no ar com o dedo, escutando e articulando a sua pronúncia, posteriormente, deve cortá-lo, moldá-lo em plasticina/barro e, de olhos fechados reconhecê-lo pelo tato. *“A realização destas atividades favorece por isso a criação de imagens visuais, auditivas, cinestésicas, tácteis e articulatórias que, de modo conjunto, incidem na globalização ou unidade do processo de leitura a escrita”* (p. 56).

Estes mesmos autores sugerem, ainda, o treino psicomotor, ou seja, o esquema corporal, lateralidade e a orientação espaço-temporal, o treino percetivo-motor a nível das capacidades visuomotoras e da coordenação manual, e também, o psicolinguístico relacionado com a descodificação auditiva, visual, expressão verbal, entre outros.

Por último e talvez um dos aspetos mais importantes, é a necessidade de articulação entre todas as pessoas que intervêm junto da criança. Por isso, Rief e Heimburge (2000, p. 127) sublinham que *“os pais devem estar dispostos a partilhar informações com os professores, assim como devem tentar saber como podem ajudar e apoiar o professor de todas as maneiras possíveis”* (e vice-versa). Um professor e um pai tem de estar em completa comunicação, pois assim irá permitir uma boa qualidade no trabalho a efetuar.

CAPÍTULO II- DESCRIÇÃO E REFLEXÃO EM TORNO DE UMA INTERVENÇÃO

1. Questão de partida

A questão de partida surgiu da motivação em querer perceber de que forma poderia ajudar um aluno com dislexia a ultrapassar as suas dificuldades e como é que poderia diferenciar pedagogicamente através da adaptação de alguns materiais pedagógicos usados nas aulas, tendo redigido a questão de partida da seguinte forma: Como poderei ajudar este aluno com dislexia a ultrapassar as suas dificuldades ao nível da leitura e da escrita, adaptando os materiais pedagógicos?

2. Situação escolar do aluno

A escola que este aluno frequenta possui onze salas de aula, uma sala de Ciências Experimentais, uma sala de Informática, duas de Educação Especial, uma Biblioteca com capacidade para duas turmas, uma Reprografia, um Gabinete de Associação de Pais, uma Sala de Professores, uma Sala de Coordenação, um Gabinete de Serviços de Psicologia e Orientação, um Refeitório e três Campos de Jogos.

A turma é composta por 24 alunos, com idades compreendidas entre os 8 e 9 anos, sendo que 10 são do sexo masculino e 14 do sexo feminino. Todos os alunos frequentaram o jardim de infância. Estão presentes duas nacionalidades: portuguesa e brasileira. Todos os alunos são, no geral, assíduos e pontuais, faltando pontualmente por doença.

Regista-se uma avaliação de Bom no comportamento e no aproveitamento global da turma, verificando-se ritmos de trabalho e de desempenho diferenciados. No entanto, na generalidade a turma evidencia dificuldades gerais como lentidão na realização das tarefas, pouca autonomia na compreensão, aquisição e aplicação de conhecimentos.

Existem 4 alunos sinalizados pelo Decreto de Lei 54/2018, sendo que este relatório evidencia apenas um aluno desses quatro.

O aluno observado, e junto de quem iremos intervir, frequenta uma escola de 1º ciclo do ensino básico, mais concretamente o 3º ano de escolaridade, usufruindo de medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão universais e seletivas, bem como adaptações ao nível da avaliação. Este aluno é alvo de uma intervenção realizada fora da sala de aula com uma professora de educação especial, consistindo num trabalho de

reforço e consolidação dos conteúdos. As dificuldades mais evidentes são a perturbação do desenvolvimento da linguagem com impacto da leitura e da escrita e a falta de autoconfiança e destaque para uma personalidade introvertida em grande grupo. Mais adiante, quando apresentarmos os dados recolhidos, nomeadamente no Relatório Técnico Pedagógico (RTP), iremos apresentar dados adicionais sobre este aluno.

3. Procedimentos metodológicos

Numa fase inicial, pedimos autorização ao encarregado de educação do aluno para intervirmos com o filho em contexto escolar. Sendo este um encarregado de educação preocupado com a situação escolar do aluno, prontamente acedeu. De seguida, lemos o RTP deste aluno para nos contextualizarmos em relação às medidas aplicadas.

A recolha de dados foi a fase mais crucial para a compreensão das dinâmicas e estratégias adotadas pelos alunos perante os desafios que surgiam no contexto educativo.

Assim, usamos a técnica da observação direta para perceber:

- Como o aluno reagia ao ser pedido para realizar uma tarefa autonomamente;
- Como o aluno iria resolver o pedido da tarefa;
- Como o aluno reagia com a ajuda dos colegas que se encontram à sua volta em contexto de sala de aula;
- As suas dificuldades;
- Quais as estratégias mais adequadas;

Deste modo, uma das técnicas fundamentais utilizadas no processo de investigação é a observação, independentemente da forma que ela assuma (Varela, 2012).

Para além da observação direta do aluno, como já tivemos oportunidade de referir, fizemos também à leitura do RTP e aplicamos um questionário à professora titular e ao professor de educação especial (Apêndice 1), bem como fizemos ao registo fotográfico, a análise das produções do aluno e procedemos ao registo em tabelas de avaliação, as quais permitiram documentar o processo e suportar a sua análise. As

questões colocadas no questionário tinham o intuito de entender o contexto em sala de aula e sobre o desempenho do aluno na sala de aula e fora da sala de aula com a professora de educação especial.

A utilização da fotografia e de áudio foram também técnicas facilitadoras do registo de informações do aluno e que nos permitiram refletir sobre os resultados obtidos.

Segundo Andrada (2020), esta forma de registos é utilizada frequentemente pela sua credibilidade e fiabilidade, permitindo uma recolha de informação qualitativa. (Andrada, 2020, p. 68).

Uma das melhores vantagens desta ferramenta é que nos permite ver e/ou ouvir informações relevantes que não conseguimos perceber em aula, levando-nos muitas vezes a refletir e mudar as nossas práticas pedagógicas ou simplesmente a prestar mais atenção a determinados comportamentos (Andrada, 2020)

Finalmente, as produções que a criança foi realizando foi dos dados mais privilegiados que obtivemos. Com esta recolha tivemos a oportunidade de verificar todas as dificuldades que este sentia ao longo das tarefas.

O método selecionado para intervir com a criança foi o da Paula Teles (2012), que é um método fónico e multissensorial de desenvolvimento das competências fonológicas, de ensino e reeducação da leitura e da escrita.

Segundo Paula Teles, o processo de leitura torna-se um elemento facilitador, permitindo inferir as palavras que são de difícil decodificação, na escrita este suporte não existe. Por isso, para ortografar corretamente, realizar uma ortografia correta, é necessário saber segmentar a cadeia falada em palavras, saber discriminar os fonemas que formam as palavras, saber segmentar as palavras em sílabas – Segmentação Silábica; saber segmentar as sílabas em fonemas – Segmentação Fonémica; e saber quais as correspondências fonema-grafema corretas que devem ser utilizadas em cada palavra. (Teles, 2012, pág. 3).

Um aluno disléxico, segundo Teles é caracterizada por dificuldades na correção e/ou fluência na leitura de palavra e por baixa competência leitora e ortográfica. Estas

dificuldades resultam tipicamente de um défice na componente fonológica da linguagem que é frequentemente imprevisto em relação a outras capacidades cognitivas e às condições educativas. (Associação Internacional de Dislexia, 2003, cit. por Teles, 2009).

Por isso, aprender a ler é uma tarefa cognitiva extramente complexa. Segundo Paula Teles, implica um conjunto de processos inter-relacionados que têm de operar em conjunto, rapidamente e com precisão, a fim de traduzir as letras em sons; integrar os diversos fonemas, os padrões ortográficos e fonológicos que formam as palavras; conhecer o significado conjunto das palavras de modo a compreender o seu sentido mais amplo; estabelecer relações entre as ideias do texto e relacioná-las com os conhecimentos previamente adquiridos e, finalmente, realizar inferências para complementar as informações em falta. (Teles, 2012, pág. 1)

Para ler, decodificar o código escrito, é ainda necessário saber ler conjuntamente dois, ou mais, grafemas-fonemas, ou seja, saber realizar as – Fusões Fonémicas, saber ler sequencialmente as sílabas que formam as palavras, isto é, saber realizar as – Fusões Silábicas Sequenciais, e saber encontrar a sua pronúncia correta para aceder ao significado das palavras. (Teles, 2012, pág. 1).

Um instrumento que se veio a revelar como o pilar da preparação e seguimento da avaliação foi uma tabela de avaliação (Apêndice 10). A tabela de avaliação foi usada como orientação da observação e também para reflexão por parte do aluno no fim de cada atividade realizada.

4. Apresentação dos dados recolhidos antes da intervenção

O aluno e as medidas de apoio à aprendizagem e à inclusão

Antes da intervenção, começamos pela análise do relatório técnico pedagógico do aluno.

O aluno, usufrui de um Relatório Técnico Pedagógico, desde o ano letivo anterior, 2022/2023, onde constam as seguintes medidas de suporte a inclusão, de acordo o decreto de lei nº 54/2018.

Nas medidas universais (Art 8º), ou seja, respostas educativas que a escola tem disponível para todos os alunos com objetivo de promover a participação e a melhoria das aprendizagens:

- a) A aplicação de estratégias de diferenciação pedagógica em função das dificuldades de aprendizagem evidenciadas pelo aluno;
 - b) Acomodações curriculares (às disciplinas de Português, Matemática e Estudo do Meio):
 - Localização do aluno num lugar próximo do professor, em frente ao quadro junto a um colega com um bom desempenho (trabalho por modelo positivo);
 - Apelo mais frequentemente à participação oral;
- Testes adaptados (questões de ligação, escolha múltipla, questões verdadeiro/falso, ETC);

Já nas medidas seletivas (Art 9º.), que existe em complemento das medidas universais o aluno usufrui:

- c) O apoio psicopedagógico: apoio prestado pela professora de Educação Especial (preferencialmente na reeducação da leitura e da escrita).
- d) A antecipação e o reforço das aprendizagens: apoio prestado pela professora de apoio educativo (nas disciplinas de Português e Matemática)

O aluno usufrui ainda adaptações no processo de avaliação (Art 28º.):

- e) O tempo suplementar para a realização da prova (quando o professor considerar necessário) ;
- g) A leitura de enunciados;
- h) A utilização de sala separada;
- L) Aplicação dos critérios de classificação para alunos com dislexia (não penalização dos erros de natureza disléxica)

Estas adaptações ao processo de avaliação são transversais a todas as disciplinas e podem ser aplicadas por todos os professores que trabalham com o aluno nos diferentes momentos de avaliação.

Após reunirmos todas as informações presentes no RTP construímos um questionário para aplicar quer à professora titular de turma quer à professora de Educação Especial.

Caraterização do aluno e adequações realizadas pela professora

A professora titular de turma apresenta trinta e quatro anos de serviço, o que permite inferir ter uma grande experiência a nível do ensino. Possui uma pós-graduação em educação especial transpondo-a enquanto docente para a inclusão escolar.

Deste modo, a sua formação profissional permite-lhe ter uma perceção realista e ampla da inclusão escolar, surgindo assim, atitudes nesse sentido na sala de aula. Esta evidencia que cada aluno é um aluno e que dá ênfase às suas características transformando-os em melhores alunos.

As suas atitudes destacam-se em transformar todas as atividades acessíveis para todos alunos, para que todos de acordo com o seu ritmo de aprendizagem consigam chegar ao mesmo fim.

A docente titular da turma evidenciou os aspetos específicos do aluno. Segundo a docente, o aluno não revela nenhum tipo de dificuldade a nível de expressão oral, já na

parte da leitura da escrita refere que o aluno em questão, tem uma leitura lenta, murmura e movimenta os lábios, perde-se muitas vezes no momento de leitura, tem dificuldade em aplicar o que acaba de ler, confunde letras, sílabas e palavras e demora mais tempo a realizar tarefas.

A docente revela um grande à vontade para a adoção de estratégias para este aluno disléxico num contexto de sala de aula, evidenciando que em contexto de sala de aula:

- O aluno encontra-se sentado numa mesa próxima do docente;
- Incentiva-o a fazer perguntas e certifica-se que ele a compreende;
- Reduz possíveis focos de distração.

Desta forma, a nível do ritmo de trabalho,

- Dá mais tempo para ele realizar as suas tarefas;
- Motiva-o e reforça-o o mesmo que os seus resultados sejam escassos;
- Quando erra corrige-o imediatamente e explica-lhe porquê errou e como evitar o erro.

Já a nível da avaliação,

- Evita questões longas e complicadas;
- Faz a leitura dos enunciados;
- Evita questões de memorização de listas de informação associadas ao texto lido;
- Elabora um teste com um número de questões mais reduzidos;
- Privilegia a avaliação oral;
- Recorre frequentemente ao recurso de pares ou a tutoria entre alunos de diferentes idades.

No que diz respeito à docente de educação especial, esta docente referiu características a nível da expressão oral, uma vez que, segundo a mesma, este tem dificuldade em selecionar as palavras adequadas para comunicar e na articulação de ideias. A nível da leitura e da escrita destacou as mesmas que a docente titular, acrescentando que o motiva e encoraja mesmo quando este erra, corrigindo-o e explicando o porquê e evitando obrigá-lo a ler em voz alta em frente dos colegas.

O acompanhamento e participação da família do aluno

Segundo o decreto de lei Nº 54/2018, Os pais ou encarregados de educação, no âmbito do exercício dos poderes e deveres que lhes foram conferidos nos termos da Constituição e da lei, têm o direito e o dever de participar e cooperar ativamente em tudo o que se relacione com a educação do seu filho ou educando, bem como a aceder a toda a informação constante no processo individual do aluno, designadamente no que diz respeito às medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão.

Deste modo, os pais deste aluno, principalmente o encarregado de educação, estava sempre presente em todas as reuniões da equipa multidisciplinar, participava na elaboração e na avaliação no relatório técnico pedagógico, pedia sempre que necessário a sua revisão, consultava o processo individual do educando, verificando se a informação era adequada e clara para si.

Deste modo, os pais encontram-se presentes no dia a dia do aluno e sempre preocupados com o seu sucesso escolar.

5. Reflexão em torno dos dados recolhidos antes da intervenção

O conjunto de objetivos delineados demonstra uma abordagem holística e inclusiva, focada não apenas na superação das dificuldades específicas de leitura e escrita, mas também no desenvolvimento integral do aluno.

Assim, ao promover a participação, inclusão, acessibilidade, o uso de ferramentas adequadas e a colaboração, cria-se um ambiente de aprendizagem que valoriza o aluno como um todo. Isso não apenas ajudará a superar as dificuldades, mas também contribuirá para o desenvolvimento de competências que serão valiosas ao longo da sua vida.

A colaboração entre diferentes profissionais da educação permitiu uma compreensão mais rica e detalhada das dificuldades do aluno, possibilitando a criação de um plano de ação que atende às suas necessidades de maneira holística.

Esta intervenção também destacou a importância da flexibilidade curricular e da adaptabilidade no ensino, reconhecendo que cada aluno é único e pode necessitar

de diferentes tipos de apoio em diferentes contextos. Continuar a ajustar as estratégias de acordo com o progresso do aluno será essencial para garantir que ele continue a avançar nas suas habilidades de leitura, escrita e expressão oral.

Como referido anteriormente, no preâmbulo do Decreto-Lei n.º 54/2018, republicado pela Lei 116/2019: “.... No centro da atividade da escola estão o currículo e as aprendizagens dos alunos. Neste pressuposto, o decreto-lei tem como eixo central de orientação a necessidade de cada escola reconhecer a mais-valia da diversidade dos seus alunos, encontrando formas de lidar com essa diferença, adequando os processos de ensino às características e condições individuais de cada aluno, mobilizando os meios de que dispõe, para que todos aprendam e participem na vida da comunidade educativa.”

O docente deve responder às necessidades educativas de todos e cada um, ao longo do seu percurso escolar, identificando medidas de suporte à aprendizagem necessárias, à inclusão, bem como os recursos a mobilizar para cada aluno, pois os alunos devem progredir com o ajuste e a utilização de estratégias para chegar ao mesmo objetivo que os restantes alunos.

6. Relato de uma intervenção

A intervenção com este aluno, por questões temporais de articulação das atividades de estágio partilhadas com outra colega e com a planificação da professora titular da turma, limitou-se a quatro momentos distintos, estando todos interligados sequencialmente.

No início do 2º período, numa primeira intervenção, recorremos à exploração de uma ficha de trabalho da disciplina de português que adaptamos e, que por sua vez, se tornou no nosso ponto de partida, o primeiro momento de intervenção.

De seguida, passamos para a segundo momento que foi a leitura do texto presente na ficha anterior recorrendo a uma grelha elaborada, focada nos erros de fonemas, pela autora do método fononímico Paula Teles. Este momento foi dividido em dois, uma leitura no 2º período e outra no fim do 3º período.

Como terceiro momento, o aluno realizou um jogo na plataforma *kahoot* focado nas disciplinas de Estudo do Meio e Português. E por último, no quarto momento realizou em grupo de trabalho a produção de um texto informativo sobre um animal que sugerimos.

Os principais objetivos a atingir, através dos momentos descritos no ponto anterior era que ao finalizar as atividades pudéssemos afirmar que o aluno:

- Realizou a ficha de trabalho adaptada, compreendendo o solicitado;
- Realizou uma leitura autónoma e fluente do texto presente na ficha de trabalho;
- Mobilizou os seus conhecimentos tecnológicos;
- Foi capaz de utilizar as tecnologias para superar as suas dificuldades no momento de leitura;
- Compreendeu as questões impostas com o uso da plataforma *kahoot*;
- Realizou as questões no tempo estipulado para o jogo;
- Colaborou e cooperou com os colegas de trabalho de grupo no momento de produção do texto informativo;
- Conseguiu expor as suas ideias na produção do texto informativo;
- Conseguiu ser organizado no momento de produção desde a distribuição de tarefas, gestão do tempo e controlo do silêncio;
- Foi capaz de compreender os seus erros;
- Foi capaz de identificar as suas dúvidas ao longo dos diversos momentos.

Com estes objetivos estabelecidos pretendíamos que o aluno apresentasse uma evolução no processo de leitura e da escrita.

6.1 Descrição do desempenho do aluno ao longo da intervenção

A intervenção com este aluno passou por quatro momentos como referimos anteriormente. Estas propostas estavam interligadas sequencialmente de acordo o seu processo de aprendizagem no contexto escolar e o seu RTP.

Todos os momentos tiveram em consideração as recomendações constantes nas medidas universais e seletivas presentes no relatório do aluno, como a adaptação de

testes utilizando questões de escolha múltipla ou de ligar ou de verdadeiro e falso e também, ao direito de tempo suplementar para executar as tarefas.

Desta forma, no primeiro momento foi feita uma adaptação de uma ficha de trabalho. Imediatamente abaixo é possível visualizar a adaptação feita com recurso a associações, completar texto, respostas diretas e de sublinhar no texto.

Nome _____ Data ____ / ____ / ____

Ficha de trabalho – Português

1. Lê o texto com atenção.

A noite em que a noite não chegou

Um dia, mal acordou, a noite foi espreitar pela janela e reparou que já era quase noite. "Estou atrasada!", pensou ela ao ver que o Sol já tinha desaparecido e os candeeiros começavam a acender-se.

Mas, nesse dia, ou nessa tarde, ou nessa noite, a noite sentia-se muito preguiçosa.

Gostava muito de estar ali, no quentinho dos lençóis, mas à noite não podia. Tinha sempre que fazer. Contrariada, deu uma volta e outra volta, desenroscou-se, enroscou-se e pensou lá para consigo: "Estou farta!" (...)

Assim, sem querer saber de mais nada, a noite deixou-se ficar na cama toda satisfeita, com uma chávena de chá numa mão e um livro de histórias na outra.

Quando perceberam que a noite não chegava, as pessoas, os bichos, os candeeiros e as flores começaram a juntar-se às portas da noite. (...)

Mas era tão alta a casa onde a noite morava que ninguém se atrevia sequer a tentar chegar lá acima.

Foi então que apareceu um menino rabino que pediu "Com licença..." a toda a gente e se pôs a trepar pelos últimos raios de sol. Num equilíbrio despachado, pôs um pé numa nuvem, outro num cometa e, em menos de nada, chegou junto da noite. (...)

De mansinho, o menino rabino pôs-se a fazer-lhe cócegas nos pés. A noite desatou a rir às gargalhadas. "Ah, Ah! Ah! – Ah, Ah! Ah!" Tanto se riu a noite que caiu da cama abaixo. E, caindo, passou por estrelas e luas e sóis. Todas as luzes se apagaram à sua passagem e um manto muito grande, negro, de cetim, foi cobrindo a pouco e pouco o mundo inteiro.

José Fanha, *A noite em que a noite não chegou*,
Campo das Letras, 2001 (excerto com supressões).



2. Completa com informações do texto.

Este texto é um excerto retirado da obra _____
_____, da autoria de _____,
publicada em _____ pela editora _____.

3. Sublinha no texto as expressões que mostram que a noite percebeu que estava atrasada.

4. Completa de acordo com o texto.

A noite sentia-se muito _____ e, por isso, deixou-se ficar na
_____ com uma _____ e um
_____.

5. Quando todos perceberam que a noite não chegava, o que fizeram?

6. Se fosses tu, o que farias para acordar a noite?

7. A expressão "manto muito grande, negro, de cetim" refere-se

8. Associa estas palavras do texto aos seus significados.

- | | |
|--|--|
| preguiçosa ☐ | ☐ posição firme |
| equilíbrio ☐ | ☐ rapidamente |
| em menos de nada ☐ | ☐ sem vontade de trabalhar |

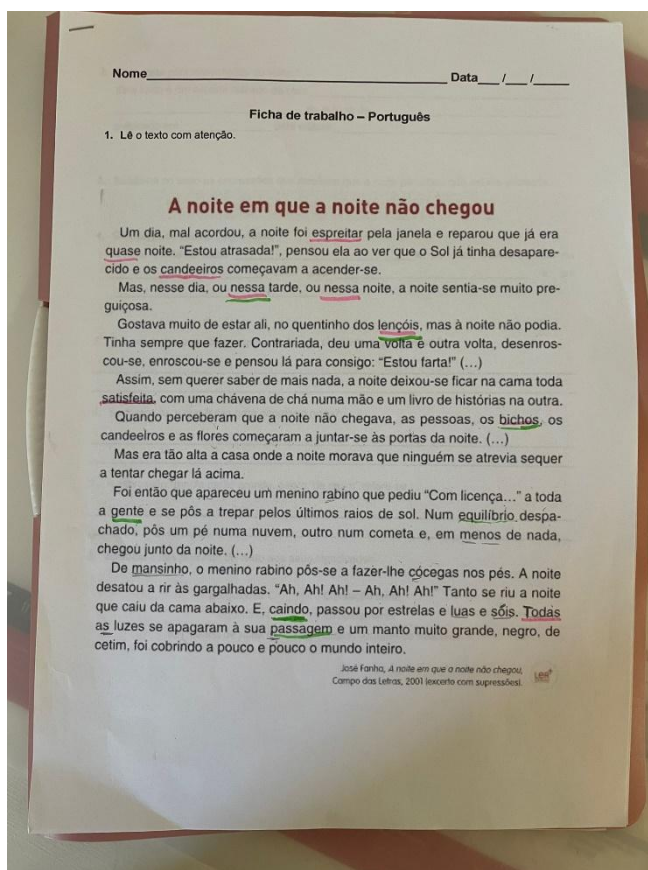
Figura 2- ficha de trabalho adaptada

Este tipo de adaptações era algo que o aluno já tinha realizado com a docente titular de turma e a docente de educação especial, uma vez que, em contexto de turma havia mais três alunos com dislexia.

Por este aluno apresentar algumas dificuldades na leitura do texto e na sua compreensão a transformação de perguntas permitimos assim ao aluno responder com de forma clara às questões e, principalmente, com mais motivação.

Por sua vez, o segundo momento destacou-se pela leitura do texto da ficha de trabalho em voz alta. Esta leitura teve um intervalo de tempo, sendo a primeira vez lida no início do 2º período e a última vez no fim do 3º período. Este período, iria servir para verificar a evolução da leitura do aluno.

A primeira vez o aluno leu com bastante dificuldade, onde através de uma caneta de cor ia identificando as suas dúvidas para no fim poder esclarecer. No processo de leitura, o aluno sentiu-se perdido e cansado, realizando uma leitura bastante silabada e morosa, tendo lido num período superior a dez minutos. Abaixo é possível verificar o primeiro momento de leitura. Desta forma, está evidenciado pela cor rosa significam as palavras que teve dúvidas e que não conseguiu ler. É importante realçar que na leitura o aluno realizou várias trocas de letras, sendo todas mencionadas no método da Paula Teles, o F pelo V, T pelo D, o C pelo G, o P pelo B, o ch pelo J e o S pelo Z.



1. Tempo de leitura: 10:15

2. Troca de letras:

De acordo Paula Teles, erros de substituição de fonemas:

- F/V
- T/D
- C/G
- P/B
- CH/J
- S/Z

Todas

3. Palavras que considerou difícil (sublinhou de rosa)

espreitar / quase / candeieiros / mura /
lencóis / salisfita / bichos

4. Exitou na leitura

<u>Sim</u> - X	<u>Não</u> -	<u>Quando</u> -
candeieiros espreitar lencóis		satisfita apreheu côlegas

5. Realizou leitura silabada

<u>Sim</u> - ✓	<u>Não</u> -	<u>Quando</u> -
candeieiros espreitar lencóis		candeieiros espreitar controlada bichos côlegas passagem

Figura 3- 1º momento de leitura

Já na segunda leitura, o aluno recorreu novamente à caneta, mas desta vez com uma cor diferente, identificando-a como uma ajuda e um elemento fulcral no seu momento de leitura. Abaixo é possível verificar o segundo momento de leitura. Desta vez, está evidenciado pela cor verde. Neste momento, o aluno leu num período inferior a dez minutos, com uma leitura fluente, pouco silabada e essencialmente compreendeu o que estava a ler. É importante realçar ainda que na segunda vez na leitura o aluno realizou também várias trocas de letras, sendo apenas algumas, isto é, o F pelo V e o ch pelo J.

1. Tempo de leitura: 8:38

2. Troca de letras:

De acordo Paula Teles, erros de substituição de fonemas:

- F/V x

- T/D

- C/G

- P/B

- ch/j x (bichos)

- S/Z

3. Palavras que considerou difícil (sublinhou de verde)

nessa	lengoi's	bichos	equilíbrio	campo
passagem				

4. Exitou na leitura

<u>Sim -</u> x	<u>Não -</u>	<u>Quando -</u>
----------------	--------------	-----------------

5. Realizou leitura silabada

<u>Sim -</u> Cantares dezenas canta	<u>Não -</u>	<u>Quando -</u> candeira desatendida costava histórias grande
--	--------------	--

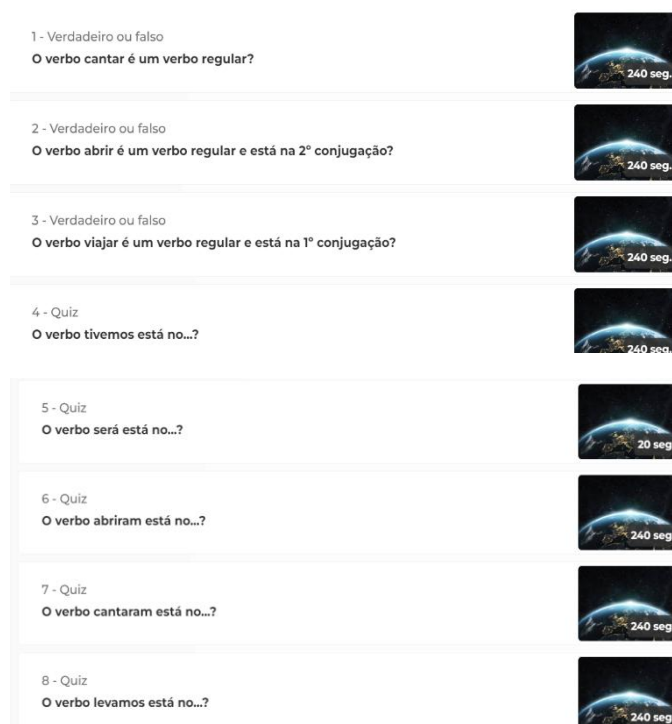
Figura 4- 2º momento de leitura

Enquanto a primeira leitura tinha sido morosa e bastante silabada, este momento foi mais fluente, sentindo-se o aluno bem no fim da leitura. Na tabela abaixo, é possível verificar o que aconteceu entre o primeiro momento de leitura e o segundo momento, concluído assim, uma grande evolução no segundo momento.

	1º momento	2º momento
- Recorreu à caneta;	x	x
- Leitura lenta;	x	
- Leitura silabada;	x	X (mas menos)
- Sentiu-se cansado e perdido;	x	

Tabela 3 - Momentos de leitura do texto

Ao longo dos dias, no contexto de sala de aula, recorria-se muito ao uso dos computadores e este aluno entusiasmava-se bastante com a tecnologia. Desta forma, o terceiro momento traduziu -se na realização de um jogo na plataforma kahoot sobre as famílias de palavras, conjugação verbal e palavras derivadas por prefixação e sufixação.



9 - Verdadeiro ou falso A família da palavra flor é florista, floreira e florescer	
10 - Verdadeiro ou falso Portão, Portaria e Portada fazem parte da família de palavras da palavra porta?	
11 - Quiz Na família de palavra de jardim, o intruso é	
12 - Quiz Na família de palavra de dente, o intruso é	
13 - Quiz Na família de palavra de ferro, o intruso é	
14 - Quiz A palavra empacotar é derivada por....	
15 - Quiz A palavra imparcial é derivada por....	
16 - Quiz A palavra sapateiro é derivada por....	
17 - Quiz A palavra dentista é derivada por....	
18 - Quiz A palavra ilegal é derivada por....	
19 - Quiz A palavra reler é derivada por....	
20 - Quiz A palavra brincalhão é derivada por....	

Figura 5- jogo kahoot

O jogo estava programado para o maior tempo de resposta, isto é, para 240 segundos equivalente a quatro minutos, as questões eram diretas e de simples leitura e a sua tipologia era de resposta direta e de verdadeiro e falso.

O aluno demonstrou um enorme interesse e motivação desde o início do jogo, no entanto, ao longo do jogo não foi conseguindo responder no período estipulado levando-o a ficar frustrado por dificuldades na resposta às questões. Com isto, o aluno necessitou de ter mais auxílio na leitura das questões e na transformação da questão de forma a compreender o solicitado.

Neste jogo, destaca-se como maior dificuldade o controlo do tempo, uma vez que, estipular tempo para este aluno desorientou-o na execução das tarefas.

Como último e quarto momento, o aluno realizou uma produção de um texto informativo em trabalho de grupo. Foi feita a distribuição dos alunos por grupos de uma forma lógica na sala de aula. O grupo do aluno em questão tinha quatro membros, tendo todos uma função sendo a do aluno escrever o texto que estavam a produzir. As indicações para a produção encontravam-se no manual escolar da disciplina de português, tendo como temática, o animal ouriço-cacheiro.

O aluno funcionou bem em trabalho cooperativo com os colegas, uma vez que, os restantes membros ajudavam-no e orientavam-no, souberam partilhar ideias e sugestões e essencialmente evidenciaram compreensão e capacidade de ajuda entre todos. Ao ler o texto produzido foram encontrados alguns erros dados pelo aluno, como “felismente”, em vez de felizmente. Este erro é mencionado no método da Paula Teles. Segundo Lopes & Silva (2009, p. 3), a aprendizagem cooperativa define-se como “trabalho em grupo que se estrutura cuidadosamente para que todos os alunos interajam, troquem informações e possam ser avaliados de forma individual pelo seu trabalho”.

Dentro dos quatro momentos desenvolvidos apenas em dois é que foi utilizado o método da Paula Teles, verificando-se o tipo de erros através da leitura (nos dois momentos) e na produção do texto informativo.

Texto informativo

Um texto informativo explica conceitos ou transmite informações sobre um determinado tema.

Omitorrinco:
O adorável animal que parece um desenho animado (e está em risco de desaparecer)

O omitorrinco [...] é um mamífero semiaquático originário da Austrália e da Ilha da Tasmânia. [...] A sua população está a decrescer, encontrando-se na Lista Vermelha da União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN) como uma espécie quase ameaçada.

O omitorrinco tem uma aparência muito peculiar¹, com uma cauda semelhante à de um castor, um bico achatado igual ao dos patos, e membranas interdigitais² com cinco garfas. A espécie mede entre 40 e 50 centímetros, tem uma cor acastanhada, e vive em ambientes aquáticos como rios e lagoas, onde se alimenta de crustáceos³ e insetos.

Sendo um animal ovíparo, a fêmea põe entre 1 e 3 ovos, e tem uma esperança média de vida de 12 anos ou de 17 anos em cativeiro⁴, segundo a IUCN. Contudo, enfrenta atualmente ameaças à sua sobrevivência devido à expansão urbana e às alterações climáticas, tal como tantos outros animais.

A espécie é também mundialmente conhecida devido à personagem Perry da série Phineas e Ferb, do Disney Channel.

<https://premiere.sapo.pt/omitorrinco-o-adoravel-animal-que-parece-um-desenho-animado-e-esta-em-risco-de-desaparecer/> (lido com supervisão) (consult. jul. 2022)



Abordagem
(apresentação do assunto)

desenvolvimento
(verificação dos vários aspetos que dizem respeito ao assunto)

conclusão
(onde conclui-se acerca do assunto)

O orizigo-cachorro.

O orizigo-cachorro é um animal que vive em bosques, floresta e pântanos.

É um mamífero com pelo em forma de espinhos de sua cor é acastanhada.

O orizigo-cachorro mede entre 22 e 34 cm. Os seus espinhos funcionam como técnica de defesa contra predadores e ameaças e medem entre 2 a 3 cm.

Este animal alimenta-se de insetos, minhocas, pequenos ratos, rãs, serpentes, etc.

Existem entre 4 e 5 crias de cada vez.

Existem também híbridos e é um animal notívago.

Atualmente não está em risco de extinção.

Este animal pode ser avistado entre março e setembro.

Figura 6- texto informativo

6.2 Reflexão em torno da intervenção

A intervenção realizada com este aluno foi cuidadosamente planeada e executada, proporcionando uma visão clara do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. Cada um dos quatro momentos foi projetado para atender às necessidades específicas do aluno, levando em consideração suas dificuldades e pontos fortes.

No primeiro momento, a adaptação da ficha de trabalho mostrou-se uma estratégia eficaz. Ao simplificar e ajustar as perguntas, o aluno pôde responder com maior clareza e confiança, o que foi fundamental para aumentar sua motivação.

A comparação entre as duas leituras ao longo do ano letivo evidencia um progresso notável. Assim, sempre que se procedeu à leitura orientada de enunciados de diferentes tipologias e à explicação individual dos exercícios solicitados, procurou-se sempre que o aluno compreendesse o vocabulário e as tarefas a realizar de forma clara e simples. Da mesma forma, quando se proporcionava tempo suplementar para a realização de exercícios, tendo em conta, o seu ritmo de execução, este obteve sempre os melhores resultados. Atendendo, ainda, que se trata de um aluno que facilmente se desconcentra, recorreu-se sempre que possível à utilização de sala separada, por forma, a realizar todos os momentos avaliativos num ambiente sereno, sem distratores que pudessem condicionar/prejudicar a sua atenção/ concentração. O uso da caneta como ferramenta para identificar dificuldades foi uma estratégia importante, permitindo ao aluno acompanhar e resolver as suas dúvidas ao longo do tempo

O terceiro momento, que envolveu o uso da plataforma *Kahoot*, revelou aspetos críticos sobre o impacto do tempo no desenvolvimento do aluno, isto é, o aluno apresenta dificuldades sobre trabalhar sobre a pressão do tempo, uma vez que tinha duzentos e quarenta segundos para responder e não conseguiu.

Finalmente, o quarto momento, focado no trabalho cooperativo, demonstrou o valor do trabalho em grupo para o desenvolvimento de competências sociais e académicas. A capacidade do aluno de participar ativamente na produção do texto, com

o apoio de seus colegas, mostra que a cooperação pode ser uma poderosa ferramenta para a inclusão e o sucesso escolar.

Em resumo, esta intervenção não apenas ajudou o aluno a superar algumas de suas dificuldades, mas também ofereceu uma visão abrangente de como o aluno pode aprender através de estratégias personalizadas e contextos de cooperação.

7. Conclusões

Para terminar, todo o percurso efetuado permitiu verificar que a dislexia é um campo investigado e presente cada vez mais no dia a dia das escolas. Todos diferentes, mas todos iguais, isto é, o aluno tem de estar num ambiente que lhe proporcione o desenvolvimento das suas capacidades, através de uma abordagem multinível, concretizada através das medidas de apoio à aprendizagem e à inclusão.

O PASEO (2017) destaca as condições para que todos os docentes promovam uma educação inclusiva que contemple o desenvolvimento pessoal e social dos seus alunos uma vez, que todos e cada um, tenham oportunidade de realizar aprendizagens com vista à efetiva consecução dos princípios, valores e áreas de competência definidas.

Esta temática sempre me suscitou, enquanto futura profissional, alguma inquietação, uma vez que não existe uma metodologia padronizada que sirva para todos os alunos disléxicos, ou seja, cada aluno revela dificuldades específicas únicas tendo a necessidade de adaptar todos materiais de forma que todos consigam chegar ao mesmo fim.

Na realidade, nem todos os docentes sabem como atuar com um aluno disléxico em contexto de sala de aula, pois são reconhecidos como alunos preguiçosos ou distraídos e, na verdade, necessitam de uma metodologia apropriada que os ajude a ultrapassar as suas necessidades e os motive para a aprendizagem.

A docente de educação especial tem um papel fulcral na ajuda destas para ultrapassar as dificuldades e sem dúvida que ao formar uma equipa com a docente titular de turma permite chegar mais eficiente ao aluno.

Com este trabalho tentamos demonstrar esta evidência, isto é, através da planificação e adaptação cuidada de atividades e da adaptação de alguns materiais para o aluno disléxico, este conseguiu fazer as mesmas tarefas que os restantes colegas. Nem sempre foi fácil, uma vez que o aluno se sentia de imediato frustrado numa primeira instância, mas após explicar e ler as questões e entender que se encontravam

adequadas e simplificadas, passava da frustração para entusiasmo. É este sentimento que o aluno disléxico deve sentir no meio escolar.

Foi com bastante orgulho que vimos a evolução deste aluno, funcionando como uma equipa, entre a autora do relatório, a docente titular e a docente de educação especial de forma, a observar, corrigir erros, evidenciar estratégias, incentivar, intervir nos momentos mais essenciais ao aluno.

Para que a evolução se continue a registar, as medidas previstas para apoio à aprendizagem e à inclusão (universais e seletivas) devem manter-se, por enquanto, uma vez que estas medidas são dinâmicas, podendo vir a ser reavaliadas e a alterar-se num futuro próximo.

Referências Bibliográficas

Aprendizagens Essenciais - Português - 3º ano. (2018). Direção-Geral de Educação.
http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/portugues_1c_3a_ff.pdf

CITOLER, S.D & SANZ, R.O. (1997) A Leitura e a Escrita: Processos e Dificuldades na sua aquisição in R. BAUTISTA (Coord.) Necessidades Educativas Especiais (pp.111-136). Lisboa: Dinalivro

DAEHENE, S. Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Penso, 2012.

De Miranda Correia, L. (2008). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais*.

Diariodarepublica.pt. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/54-2018-115652961>

Dislex - Associação Portuguesa de Dislexia. (n.d.). [Www.dislex.co.pt](http://www.dislex.co.pt).
<https://www.dislex.co.pt/>

Direção-Geral da Educação. <https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/declaracao-salamanca.pdf>

Farrell, M. (2008). Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem específicas: guia do professor.

Ferreira, M., & Horta, I. V. (2014). Leitura - Dificuldades de aprendizagem, ensino e estratégias para o desenvolvimento de competências. Da Investigação às Práticas, 144-154.

Freitas, M. J., Alves, D., & Costa, T. (2007). PNEP - O Conhecimento da Língua: Desenvolver a consciência fonológica (1ª ed.). Ministério da Educação.

Garantindo o Acesso à Educação para Todos UNESCO. (n.d.).
https://apcrsi.pt/dossiers_old/inclusao/orientacoes_para_a_inclusao_unesco.pdf

- Hennigh, K. A. (2003). Compreender a Dislexia: um guia para pais e professores.
- LOPES-ESCRIBANO, C. Contribuciones de la neurociencia al diagnóstico y tratamiento educativo de la dislexia del desarrollo. *Revista de Neurologia*, vol. 44, n. 3, p. 173-80, 2007.
- Lima-Rodrigues, L.; Santos, G. & Trindade (2016). A Pedagogias Expressivas em Educação Inclusiva.
- NIELSEN, L. B. (1999). *Necessidades Educativas Especiais na sala de aula*. Coleção Educação Especial.
- Norton, ES, & Wolf, M. (2012). Nomeação automatizada rápida (RAN) e fluência de leitura: implicações para a compreensão e tratamento de deficiências de leitura. *Annual Review of Psychology*, 63 (1), 427–452. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-120710-100431> .
- PERFIL DOS ALUNOS À SAÍDA DA ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA. (2017). https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf
- REBELO, J. (1993). Dificuldades da leitura e da escrita em alunos do ensino básico. Coleção Horizontes da Didáctica. Porto: Edições Asa.
- SHAYWITZ, M.D.S.(2008). Vencer a Dislexia – Como dar resposta às perturbações da leitura em qualquer fase da vida. Porto: Porto Editora
- Torres, R. M., & Fernández, P. (2001). Dislexia, disortografia e disgrafia. McGraw Hill

Apêndices

Apêndice 1- Modelo do Questionário



A importância da Pedagogia diferenciada na sala de aula: para uma criança disléxica

PARTE A - Identificação

1. Idade: _____
2. Género (assinale com um x)
☐ feminino ☐ masculino
3. Grau Académico (assinale com um x)
☐ Licenciatura ☒ Mestrado ☐ Pós – Graduação ☐ Doutoramento
4. Tempo de Serviço: _____
5. Número de alunos que constituem o seu grupo/turma: _____
6. Indique o número de alunos com NE: _____
7. Indique a que domínio(s) pertence(m) a(s) problemática(s) da(s) criança(s) com NE (assinale com um x):

☐ Cognitivo	☐ Motor	☐ Emocional	☐ Comunicação
☐ Auditiva	☐ Visual	☐ Outro:	

8. Em relação à(s) crianças com dislexia do seu/sua grupo/turma, concorda com a problemática que lhe foi identificada, após leitura dos seus antecedentes escolares e situação atual, identificada no seu RTP? (assinale com um x)

☐ Sim	☐ Não
------------------------------	------------------------------

8.1. Se indicou "Não", diga porquê?

9. Considera que o seu agrupamento/escola é inclusiva? (assinale com um x)

☐ Sim	☐ Não
------------------------------	------------------------------

10. Considera importante ter uma pedagogia diferenciada em contexto de sala de aula, apenas quando existem crianças com NE incluídas num grupo/turma? (assinale com um x)

☐ Sim	☐ Não
------------------------------	------------------------------

10.1. Se indicou “Não”, diga porquê?

11. Para cada afirmação, que se segue, assinale a opção que melhor exprime a sua opinião (assinale só uma hipótese):

	Discordo completamente	Discordo	Não concordo Nem discordo	Concordo	Concordo completamente
1. A inclusão de crianças com NEE nas escolas/instituições obriga a uma alteração das atividades.					
2. O desafio que representa a socialização com as outras crianças estimula o desenvolvimento das crianças com NEE.					
3. A atenção suplementar que requerem as crianças com NEE implica prejuízo para o restante grupo/turma.					
4. Existe um favorecimento da compreensão e aceitação das diferenças, ao incluir crianças com NEE nas escolas/instituições.					
5. Os docentes de Educação Especial em conjunto com o docente titular da turma devem envolver as famílias no processo Ensino-Aprendizagem das suas crianças.					
6. Na sua opinião a escola/instituição possui recursos humanos adequados às necessidades, face à inclusão de crianças com NEE.					
7. Nas escolas/instituições dá-se mais ênfase às dificuldades e limitações das crianças do que às suas capacidades.					
8. A inclusão é vista como um direito inquestionável independentemente dos resultados alcançados pelas crianças com NEE.					
9. O apoio educativo dentro da sala de aula, ajuda os docentes no trabalho com as crianças com NEE e com o restante grupo turma em geral.					

A importância da Pedagogia diferenciada na sala de aula: para uma criança disléxica

	Discordo completamente	Discordo	Não concordo Nem discordo	Concordo	Concordo completamente
10. A inclusão de crianças com NEE requer mudanças significativas nos procedimentos educativos.					
11. O apoio educativo especializado em função do diagnóstico tem mais vantagens se for dado individualmente do que em grupo.					
12. Os docentes de Educação Especial apoiam os docentes titulares na utilização de metodologias ativas e cooperativas.					
13. As crianças com Dificuldades na Leitura e na Escrita são capazes de aprender o mesmo que as outras crianças.					

PARTE B - Caracterização

1. Assinale com um X, as características que acha predominantes no aluno com dislexia que acompanha.

Expressão Oral	Na Leitura/Escrita	Outras Competências
Dificuldade em selecionar palavras adequadas para comunicar.	Não gosta de ler e apresenta uma leitura lenta para a sua idade.	Apresenta dificuldade em guardar e recuperar nomes, palavras objetos e ou sequências ou factos passados.
Revela pobreza de vocabulário.	Faz soletração defeituosa.	Não consegue orientar-se no espaço.
Elabora frases curtas e simples.	Na leitura silenciosa murmura ou movimenta os lábios.	Apresenta de uma forma geral, falta de organização.
Dificuldade na articulação de ideias.	Perdem muitas vezes a linha de leitura.	Apresenta falta de destreza manual.
Repetição de sílabas, palavras ou frases.	Tem dificuldade em aplicar o que foi lido.	
	Apresenta problemas de compreensão/interpretação de textos.	
	Revela dificuldades acentuadas ao nível da consciência fonológica.	
	Confunde letras, sílabas ou palavras com diferenças subtis de grafia.	
	Adiciona ou emite sons, sílabas ou palavras.	
	Apresenta uma leitura e escrita em espelho.	
	Copia de forma errada as palavras.	
	Tem muita dificuldade nas palavras homófonas.	

Parte C - Intervenção

1. Assinale com um X, as intervenções que já realizou com o aluno com dislexia que acompanha.

Ritmo de trabalho		Sala de Aula	
Dá mais tempo para ele realizar as suas tarefas;		O aluno encontra-se sentado numa mesa próxima do docente	
Motiva-o e reforça-o mesmo que os seus resultados sejam escassos.		Incentiva-o a fazer perguntas e certifica-se que ele a compreende.	
Quando erra corrige-o imediatamente e explica-lhe porquê errou e como evitar o erro.		Reduz possíveis focos de distração.	
Evita obrigá-lo a ler em voz alta em frente dos colegas		Tem a preocupação de preparar materiais diversificados, interessantes e estimulantes.	
Avaliação		Pais (responda se tiver conhecimento)	
Evita questões longas e complicadas.		Apresentam uma atitude positiva perante as capacidades e talentos do seu educando.	
Faz a leitura dos enunciados.		Mostram prazer em ler com o seu educando.	
Evita questões de memorização de listas de informação associadas ao texto lido.		Incentivam a manusear livros com frequência o seu educando.	
Elabora o teste com um número de questões mais reduzido.		Costumam ler em voz alta e com entusiasmo.	
Privilegia a avaliação oral.		Incentivam-no a ler para si e a partilhar com os outros.	
Recorre frequentemente ao recurso dos pares ou a tutoria entre alunos de diferentes idades.		Sentem-se satisfeitos com os progressos verificados.	
Utiliza treino psicomotor, percetivo-motor e psicolinguístico.			

Muito obrigado pela sua participação.

Se tratamos as pessoas como elas devem ser;

ajudamo-las a tornarem-se o que elas são capazes de ser.

Johan Wolfgang Von Goethe

Apêndice 2- Questionário Professora Cooperante



A importância da Pedagogia diferenciada na sala de aula: para uma criança disléxica

PARTE A - Identificação

- Idade: 55 anos
- Género (assinale com um x)
☒ feminino ☐ masculino
- Grau Académico (assinale com um x)
☐ Licenciatura ☒ Mestrado ☐ Pós – Graduação ☐ Doutoramento
- Tempo de Serviço: 34 anos
- Número de alunos que constituem o seu grupo/turma: 24
- Indique o número de alunos com NE: 4
- Indique a que domínio(s) pertence(m) a(s) problemática(s) da(s) criança(s) com NE (assinale com um x):

☒	Cognitivo	☐	Motor	☐	Emocional	☒	Comunicação
☐	Auditiva	☐	Visual	☐	Outro: Dislexia /Défice de atenção e Hiperatividade		

- Em relação à(s) crianças com dislexia do seu/sua grupo/turma, concorda com a problemática que lhe foi identificada, após leitura dos seus antecedentes escolares e situação atual, identificada no seu RTP? (assinale com um x)

☒	Sim	☐	Não
-------------------------------------	-----	--------------------------	-----

8.1. Se indicou “Não”, diga porquê?

- Considera que o seu agrupamento/escola é inclusiva? (assinale com um x)

☒	Sim	☐	Não
-------------------------------------	-----	--------------------------	-----

- Considera importante ter uma pedagogia diferenciada em contexto de sala de aula, apenas quando existem crianças com NE incluídas num grupo/turma? (assinale com um x)

	Sim	X	Não
--	-----	---	-----

10.1. Se indicou “Não”, diga porquê?

Mesmo sem NE, algumas crianças necessitam e pedagogia diferenciada em sala de aula (e.g. os alunos que têm medidas universais).

11. Para cada afirmação, que se segue, assinale a opção que melhor exprime a sua opinião (assinale só uma hipótese):

	Discordo completamente	Discordo	Não concordo Nem discordo	Concordo	Concordo completamente
1. A inclusão de crianças com NEE nas escolas/instituições obriga a uma alteração das atividades.		X			
2. O desafio que representa a socialização com as outras crianças estimula o desenvolvimento das crianças com NEE.					X
3. A atenção suplementar que requerem as crianças com NEE implica prejuízo para o restante grupo/turma.				X	
4. Existe um favorecimento da compreensão e aceitação das diferenças, ao incluir crianças com NEE nas escolas/instituições.				X	
5. Os docentes de Educação Especial em conjunto com o docente titular da turma devem envolver as famílias no processo Ensino-Aprendizagem das suas crianças.					X
6. Na sua opinião a escola/instituição possui recursos humanos adequados às necessidades, face à inclusão de crianças com NEE.		X			
7. Nas escolas/instituições dá-se mais ênfase às dificuldades e limitações das crianças do que às suas capacidades.				X	
8. A inclusão é vista como um direito inquestionável independentemente dos resultados alcançados pelas crianças com NEE.					X
9. O apoio educativo dentro da sala de aula, ajuda os docentes no trabalho com as crianças com NEE e com o restante grupo turma em geral.				X	

	Discordo completamente	Discordo	Não concordo Nem discordo	Concordo	Concordo completamente
10. A inclusão de crianças com NEE requer mudanças significativas nos procedimentos educativos.				X	
11. O apoio educativo especializado em função do diagnóstico tem mais vantagens se for dado individualmente do que em grupo.				X	
12. Os docentes de Educação Especial apoiam os docentes titulares na utilização de metodologias ativas e cooperativas.				X	
13. As crianças com Dificuldades na Leitura e na Escrita são capazes de aprender o mesmo que as outras crianças.				X	

PARTE B - Caracterização

1. Assinale com um X, as características que acha predominantes no aluno com dislexia que acompanha.

Expressão Oral	Na Leitura/Escrita	Outras Competências
Dificuldade em selecionar palavras adequadas para comunicar.	Não gosta de ler e apresenta uma leitura lenta para a sua idade.	X Apresenta dificuldade em guardar e recuperar nomes, palavras objetos e ou sequências ou factos passados.
Revela pobreza de vocabulário.	Faz soletração defeituosa.	Não consegue orientar-se no espaço.
Elabora frases curtas e simples.	Na leitura silenciosa murmura ou movimenta os lábios.	X Apresenta de uma forma geral, falta de organização.
Dificuldade na articulação de ideias.	Perdem muitas vezes a linha de leitura.	X Apresenta falta de destreza manual.
Repetição de sílabas, palavras ou frases.	Tem dificuldade em aplicar o que foi lido.	X
	Apresenta problemas de compreensão/interpretação de textos.	X
	Revela dificuldades acentuadas ao nível da consciência fonológica.	X
	Confunde letras, sílabas ou palavras com diferenças subtis de grafia.	X
	Adiciona ou emite sons, sílabas ou palavras.	X
	Apresenta uma leitura e escrita em espelho.	
	Copia de forma errada as palavras.	X
	Tem muita dificuldade nas palavras homófonas.	X

Parte C - Intervenção

1. Assinale com um X, as intervenções que já realizou com o aluno com dislexia que acompanha.

Ritmo de trabalho		Sala de Aula	
Dá mais tempo para ele realizar as suas tarefas;	X	O aluno encontra-se sentado numa mesa próxima do docente	X
Motiva-o e reforça-o mesmo que os seus resultados sejam escassos.	X	Incentiva-o a fazer perguntas e certifica-se que ele a compreende.	X
Quando erra corrige-o imediatamente e explica-lhe porquê errou e como evitar o erro.	X	Reduz possíveis focos de distração.	X
Evita obrigá-lo a ler em voz alta em frente dos colegas		Tem a preocupação de preparar materiais diversificados, interessantes e estimulantes.	
Avaliação		País (responda se tiver conhecimento)	
Evita questões longas e complicadas.	X	Apresentam uma atitude positiva perante as capacidades e talentos do seu educando.	
Faz a leitura dos enunciados.	X	Mostram prazer em ler com o seu educando.	
Evita questões de memorização de listas de informação associadas ao texto lido.	X	Incentivam a manusear livros com frequência o seu educando.	
Elabora o teste com um número de questões mais reduzido.	X	Costumam ler em voz alta e com entusiasmo.	
Privilegia a avaliação oral.	X	Incentivam-no a ler para si e a partilhar com os outros.	
Recorre frequentemente ao recurso dos pares ou a tutoria entre alunos de diferentes idades.	X	Sentem-se satisfeitos com os progressos verificados.	X
Utiliza treino psicomotor, percetivo-motor e psicolinguístico.			

Muito obrigado pela sua participação.

Se tratamos as pessoas como elas devem ser;

ajudamo-las a tornarem-se o que elas são capazes de ser.

Johan Wolfgang Von Goethe

Apêndice 3 – Questionário Professora de Educação Especial



A importância da Pedagogia diferenciada na sala de aula: para uma criança disléxica

PARTE A - Identificação

1. Idade: 60
2. Género (assinale com um x)
X feminino ____ masculino
3. Grau Académico (assinale com um x)
X Licenciatura ____ Mestrado X Pós – Graduação ____ Doutoramento
4. Tempo de Serviço: 37 anos
5. Número de alunos que constituem o seu grupo/turma: S/turma
6. Indique o número de alunos com NE: 10
7. Indique a que domínio(s) pertence(m) a(s) problemática(s) da(s) criança(s) com NE (assinale com um x):

X	Cognitivo		Motor		Emocional	X	Comunicação
	Auditiva		Visual		Outro: Dislexia		

8. Em relação à(s) crianças com dislexia do seu/sua grupo/turma, concorda com a problemática que lhe foi identificada, após leitura dos seus antecedentes escolares e situação atual, identificada no seu RTP? (assinale com um x)

X	Sim		Não
---	-----	--	-----

8.1. Se indicou “Não”, diga porquê?

9. Considera que o seu agrupamento/escola é inclusiva? (assinale com um x)

X	Sim		Não
---	-----	--	-----

10. Considera importante ter uma pedagogia diferenciada em contexto de sala de aula, apenas quando existem crianças com NE incluídas num grupo/turma? (assinale com um x)

X	Sim		Não
---	-----	--	-----

A importância da Pedagogia diferenciada na sala de aula: para uma criança disléxica

10.1. Se indicou “Não”, diga porquê?

11. Para cada afirmação, que se segue, assinale a opção que melhor exprime a sua opinião (assinale só uma hipótese):

	Discordo completamente	Discordo	Não concordo Nem discordo	Concordo	Concordo completamente
1. A inclusão de crianças com NEE nas escolas/instituições obriga a uma alteração das atividades.		X			
2. O desafio que representa a socialização com as outras crianças estimula o desenvolvimento das crianças com NEE.					X
3. A atenção suplementar que requerem as crianças com NEE implica prejuízo para o restante grupo/turma.			X		
4. Existe um favorecimento da compreensão e aceitação das diferenças, ao incluir crianças com NEE nas escolas/instituições.					X
5. Os docentes de Educação Especial em conjunto com o docente titular da turma devem envolver as famílias no processo Ensino-Aprendizagem das suas crianças.					X
6. Na sua opinião a escola/instituição possui recursos humanos adequados às necessidades, face à inclusão de crianças com NEE.		X			
7. Nas escolas/instituições dá-se mais ênfase às dificuldades e limitações das crianças do que às suas capacidades.		X			
8. A inclusão é vista como um direito inquestionável independentemente dos resultados alcançados pelas crianças com NEE.		X			
9. O apoio educativo dentro da sala de aula, ajuda os docentes no trabalho com as crianças com NEE e com o restante grupo turma em geral.				X	

	Discordo completamente	Discordo	Não concordo Nem discordo	Concordo	Concordo completamente
10. A inclusão de crianças com NEE requer mudanças significativas nos procedimentos educativos.		X			
11. O apoio educativo especializado em função do diagnóstico tem mais vantagens se for dado individualmente do que em grupo.					X
12. Os docentes de Educação Especial apoiam os docentes titulares na utilização de metodologias ativas e cooperativas.				X	
13. As crianças com Dificuldades na Leitura e na Escrita são capazes de aprender o mesmo que as outras crianças.					X

PARTE B - Caracterização

1. Assinale com um X, as características que acha predominantes no aluno com dislexia que acompanha.

Expressão Oral		Na Leitura/Escrita		Outras Competências	
Dificuldade em selecionar palavras adequadas para comunicar.	X	Não gosta de ler e apresenta uma leitura lenta para a sua idade.	X	Apresenta dificuldade em guardar e recuperar nomes, palavras objetos e ou sequências ou factos passados.	X
Revela pobreza de vocabulário.		Faz soletração defeituosa.		Não consegue orientar-se no espaço.	
Elabora frases curtas e simples.		Na leitura silenciosa murmura ou movimenta os lábios.	X	Apresenta de uma forma geral, falta de organização.	
Dificuldade na articulação de ideias.	X	Perdem muitas vezes a linha de leitura.	X	Apresenta falta de destreza manual.	
Repetição de sílabas, palavras ou frases.	X	Tem dificuldade em aplicar o que foi lido.			
		Apresenta problemas de compreensão/interpretação de textos.			
		Revela dificuldades acentuadas ao nível da consciência fonológica.			
		Confunde letras, sílabas ou palavras com diferenças subtis de grafia.	X		
		Adiciona ou emite sons, sílabas ou palavras.	X		
		Apresenta uma leitura e escrita em espelho.			
		Copia de forma errada as palavras.			
		Tem muita dificuldade nas palavras homófonas.	X		

Parte C - Intervenção

1. Assinale com um X, as intervenções que já realizou com o aluno com dislexia que acompanha.

Rítmo de trabalho		Sala de Aula (Não se aplica)	
Dá mais tempo para ele realizar as suas tarefas;	X	O aluno encontra-se sentado numa mesa próxima do docente	
Motiva-o e reforça-o mesmo que os seus resultados sejam escassos.	X	Incentiva-o a fazer perguntas e certifica-se que ele a compreende.	
Quando erra corrige-o imediatamente e explica-lhe porquê errou e como evitar o erro.	X	Reduz possíveis focos de distração.	
Evita obrigá-lo a ler em voz alta em frente dos colegas	X	Tem a preocupação de preparar materiais diversificados, interessantes e estimulantes.	
Avaliação		Pais	
Enquanto docente de Ed Esp não se aplica este tipo de avaliação		(responda se tiver conhecimento)	
Evita questões longas e complicadas.		Apresentam uma atitude positiva perante as capacidades e talentos do seu educando.	
Faz a leitura dos enunciados.		Mostram prazer em ler com o seu educando.	
Evita questões de memorização de listas de informação associadas ao texto lido.		Incentivam a manusear livros com frequência o seu educando.	
Elabora o teste com um número de questões mais reduzido.		Costumam ler em voz alta e com entusiasmo.	
Privilegia a avaliação oral.		Incentivam-no a ler para si e a partilhar com os outros.	
Recorre frequentemente ao recurso dos pares ou a tutoria entre alunos de diferentes idades.		Sentem-se satisfeitos com os progressos verificados.	
Utiliza treino psicomotor, percetivo-motor e psicolinguístico.			

Muito obrigado pela sua participação.

*Se tratamos as pessoas como elas devem ser;
ajudamo-las a tornarem-se o que elas são capazes de ser.*

Johan Wolfgang Von Goethe

Página 4 | 4

Anexos

Apêndice 1- ficha de trabalho resolvida

Nome [REDACTED] Data 27/02/2024

Ficha de trabalho – Português

1. Lê o texto com atenção.

A noite em que a noite não chegou

Um dia, mal acordou, a noite foi espreitar pela janela e reparou que já era quase noite. “Estou atrasada!”, pensou ela ao ver que o Sol já tinha desaparecido e os candeeiros começavam a acender-se.

Mas, nesse dia, ou nessa tarde, ou nessa noite, a noite sentia-se muito preguiçosa.

Gostava muito de estar ali, no quentinho dos lençóis, mas à noite não podia. Tinha sempre que fazer. Contrariada, deu uma volta e outra volta, desenroscou-se, enroscou-se e pensou lá para consigo: “Estou farta!” (...)

Assim, sem querer saber de mais nada, a noite deixou-se ficar na cama toda satisfeita, com uma chávena de chá numa mão e um livro de histórias na outra.

Quando perceberam que a noite não chegava, as pessoas, os bichos, os candeeiros e as flores começaram a juntar-se às portas da noite. (...)

Mas era tão alta a casa onde a noite morava que ninguém se atrevia sequer a tentar chegar lá acima.

Foi então que apareceu um menino rabino que pediu “Com licença...” a toda a gente e se pôs a trepar pelos últimos raios de sol. Num equilíbrio despachado, pôs um pé numa nuvem, outro num cometa e, em menos de nada, chegou junto da noite. (...)

De mansinho, o menino rabino pôs-se a fazer-lhe cócegas nos pés. A noite desatou a rir às gargalhadas. “Ah, Ah! Ah! – Ah, Ah! Ah!” Tanto se riu a noite que caiu da cama abaixo. E, caindo, passou por estrelas e luas e sóis. Todas as luzes se apagaram à sua passagem e um manto muito grande, negro, de cetim, foi cobrindo a pouco e pouco o mundo inteiro.

José Fanha, *A noite em que a noite não chegou*,
Campo das Letras, 2001 (excerto com supressões).



2. **Completa** com informações do texto.

Este texto é um excerto retirado da obra "A noite em que a noite não chegou", da autoria de José Saramago, publicada em 2001 pela editora Áncora das Letras. ✓

3. **Sublinha** no texto as expressões que mostram que a noite percebeu que estava atrasada. ✓

4. **Completa** de acordo com o texto.

A noite sentia-se muito preguiçosa e, por isso, deixou-se ficar na cama com uma chaveira de chás e um livro de histórias. ✓

5. Quando todos perceberam que a noite não chegava, o que fizeram?

Quando todos perceberam que a noite não chegava, foram bater à sua porta.

6. Se fosses tu, o que farias para acordar a noite?

Se fosses eu acordava-a com um microfone. ✓

7. A expressão "manto muito grande, negro, de cetim" refere-se

Refere-se à noite ✓

8. **Associa** estas palavras do texto aos seus significados.

- | | | |
|------------------|-----------------------|---|
| preguiçosa | ☐ | ☒ posição firme |
| equilíbrio | ☐ | ☒ rapidamente |
| em menos de nada | ☐ | ☒ sem vontade de trabalhar |

Apêndice 2 – Modelo do Guião de Leitura

Prova de leitura do texto

1. Tempo de leitura:

2. Troca de letras:

De acordo Paula Teles, erros de substituição de fonemas:

- F/V

- T/D

- C/G

- P/B

- CH/J

- S/Z

3. Palavras que considerou difícil

4. Exitou na leitura

<u>Sim -</u>	<u>Não -</u>	<u>Quando -</u>

5. Realizou leitura silabada

<u>Sim -</u>	<u>Não -</u>	<u>Quando-</u>

Apêndice 3 – Cartões Avaliação

• ficha

Autoavaliação			
Descritores de desempenho	Sim	Não	Dificuldades sentidas
Conseguir gerir o meu tempo		X	deixei o meu tempo
Conseguir resolver as atividades propostas sozinho		X	
Compreendi as tarefas que me foram propostas	X		
Identifiquei as minhas dificuldades	X		

• leitura de um texto - 1.º vez

Autoavaliação			
Descritores de desempenho	Sim	Não	Dificuldades sentidas
Conseguir gerir o meu tempo	X		
Conseguir resolver as atividades propostas sozinho	X		
Compreendi as tarefas que me foram propostas	X		
Identifiquei as minhas dificuldades	X		

• leitura - 2.º vez

Autoavaliação			
Descritores de desempenho	Sim	Não	Dificuldades sentidas
Conseguir gerir o meu tempo	X		
Conseguir resolver as atividades propostas sozinho			
Compreendi as tarefas que me foram propostas	X		
Identifiquei as minhas dificuldades	X		

• jogo do Kahoot

Autoavaliação			
Descritores de desempenho	Sim	Não	Dificuldades sentidas
Conseguir gerir o meu tempo		X	
Conseguir resolver as atividades propostas em grupo de trabalho	X		
Conseguir trabalhar com os meus colegas de grupo			
Compreendi as tarefas que me foram propostas	X		
Identifiquei as minhas dificuldades	X		

• teste informativo

Autoavaliação			
Descritores de desempenho	Sim	Não	Dificuldades sentidas
Conseguir gerir o meu tempo	X		
Conseguir resolver as atividades propostas sozinho		X	ajuda da professora
Compreendi as tarefas que me foram propostas	X		
Identifiquei as minhas dificuldades	X		

